

JULIO PLAZA

DEDALUS - Acervo - MAC

791.45
P721v



21500002509

VIDEOGRAFIA
EM VIDEOTEXTO

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA - USP
BIBLIOTECA
LOURIVAL GOMES MACHADO

1887
EDITORA HUCITEC
São Paulo, 1986

DIÁLOGO COM O LEITOR

1

Inventado há pouco mais de uma década e recém-implantado no Brasil, o Videotexto é o mais novo veículo de linguagem. Seu caráter de contemporaneidade e a falta de tradição histórica dificultam sua compreensão. Seus efeitos no campo da comunicação, no campo do social e a interferência em outras disciplinas e veículos de massa, ainda estão por ser avaliados. O Videotexto, neste momento, é uma incógnita, um “enigma-imagem” que somente o futuro poderá definir. Uma coisa é certa: ele veio para ficar.

O Videotexto é objeto de usos, experimentações e também objeto de investigação. É neste contexto de dúvidas e indefinições, tanto nos níveis de hardware e de software, como também no campo da comunicação, que nasce esta pesquisa.

Tomei contato com o Videotexto em 1982, no curso “Videotexto: Editoração Eletrônica” (primeiro curso sobre o meio, em nível de pós-graduação na ECA/USP e no Brasil), ministrado pelo prof. Fredric Michael Litto. Desse curso surgiram várias propostas de trabalho de minha parte, dentre elas uma apostila na qual explorava o Videotexto sob o ponto de vista da organização da linguagem visual e pictórica. Essa apostila se tornou a matriz deste trabalho.

Outra proposta de caráter criativo, concretizada na exposição “Arte pelo Telefone: Videotexto” (realizada sob minha organização no mês de dezembro de 1982 no Museu da Imagem e do Som na cidade de São Paulo), iniciava no Brasil a arte no novo meio. Essa exposição foi contemporânea à primeira exibição realizada (em Videotexto) em Nova Iorque, sob a organização de Martim Niesenhold e sob os auspícios da New York University.

“Arte pelo Telefone: Videotexto” editava principalmente trabalhos artísticos, visuais e poéticos de artistas plásticos e poetas ligados às revistas alternativas de visualidade e poesia, editadas durante a década de 70. Depois dessa exposição foram realizadas: “Arte e Videotexto”, na XVII Bienal Internacional de São Paulo

(1983), extensiva também às capitais Curitiba e Porto Alegre (1985). 2

A intervenção através do novo meio visava extrair dele o máximo de sensibilidade em termos de linguagem visual, escrita, cromática e cinética. Uma procura daquilo que poderia ser uma poética do Videotexto.

De um outro ângulo, e decorrente da elaboração das mensagens para a exposição (o Videotexto estava na época na primeira fase de implantação), trabalhei horas a fio no teclado editor.

Ainda não tinha terminado o curso da ECA-USP quando me vi ministrando o primeiro curso de linguagem visual para Videotexto com a ajuda da apostila elaborada. Esse curso foi repetido e reformulado conforme aumentava a experiência com o meio.

A atração, curiosidade e encantamento com o Videotexto fizeram-me formular as seguintes perguntas: o que dá para fazer com esse meio? como funciona? como é que se produz e transmite sua linguagem? qual é seu uso, desempenho e capacidade? quais são seus antecedentes históricos?

Este trabalho que agora vocês lêem é o produto e resultado de tais experiências e uma das respostas às perguntas surgidas naquele primeiro momento prenhe de curiosidade e encantamento.

O Videotexto (VDT) é o mais recente veículo de produção de linguagem e distribuição de informações. O que diferencia o VDT de todos os meios de comunicação de massas é o fato de os primeiros serem fortemente centralizadores da informação, enquanto o VDT é interativo, já que nasce de um meio interpessoal: o telefone. O VDT, produto da Telemática (adaptação da Informática aos sistemas de Telecomunicação), opera regularmente, desde o dia 15-12-82, na cidade de São Paulo aos cuidados da Telesp. Através da associação entre o telefone, o televisor e o computador (como centro do sistema) além de um pequeno teclado, o usuário, por meio de uma rápida teclagem (semelhante a uma chamada telefônica), pode ter acesso aos mais variados tipos de informação visual e escrita.

Qualquer que seja o primeiro contato, o VDT já deixa patente que não se trata de um meio que substitui os anteriores, mas de um que se alimenta deles. É um meio que intera meios, fortemente híbrido e inclusivo, cujo processo mesmo de produção nasce da aglutinação complexa de uma rede heterogênea de reminiscências de outros meios. Trata-se de um veículo que, em si mesmo, em sua natureza, é intermídia, ao mesmo tempo que absorve diferentes sistemas de representação.

A tendência do mundo contemporâneo no referente à qualidade e complexidade de meios e

tecnologias (multimídia) é a de sintetizar e criar relações de interpenetração entre esses meios (intermídia), conseguindo, por isso mesmo, outros meios e tecnologias híbridas, produto qualitativo da associação de vários meios.

A invenção do Videotexto surgiu em vários países ao mesmo tempo, mas foi Sam Fedida, na Inglaterra, quem conseguiu implantar o primeiro sistema de VDT em todo o mundo. "Operando para o público há cerca de três anos, sob o controle dos correios e telégrafos ingleses (BPO-British Post Office), esse serviço ganhou o nome de Viewdata, inicialmente, mas hoje é conhecido por Prestel." (1)

O Videotexto, cujas pesquisas foram iniciadas há mais de 10 anos, difundiu-se desde então para vários países, adaptando-se a diversas tecnologias de transmissão. Atualmente os sistemas de Videotexto adotam 4 tecnologias principais: o próprio Prestel, Télétel (da França), o Teldon (do Canadá) e o Captains (do Japão).

O Brasil, através da Telebrás, comprou o sistema francês (Télétel) "devido às suas vantagens de qualidade e custo" e encarregou a Telesp (Companhia Telefônica de São Paulo) da fase inicial de testes no país.

A partir deste momento falaremos do sistema Videotexto nos referindo ao sistema derivado do Télétel, importado e transformado pela tecnologia eletrônica nacional. Qualquer referência no texto a outros sistemas implicará a menção do nome do sistema correspondente.

O processo de operacionalidade do Videotex-

to comporta três grupos operativos: o operador do sistema ou empresa que controla e cuida do serviço como totalidade, que no caso é a Telesp; o fornecedor de serviços, que são as firmas e instituições que veiculam as informações através de equipamentos fornecidos pelo operador do sistema; e o usuário, ou consumidor, que se serve do sistema. Este deve dispor de um telefone, uma TV e um adaptador ou decodificador do sinal acústico em visual com teclado de controle remoto, através do que tem acesso ao serviço fornecido.

Embora este estudo não aborde o Videotexto dentro do panorama da comunicação, cabe aqui fazer menção a uma das qualidades máximas do sistema. O Videotexto é um sistema de comunicação inovador, pois é capaz de interferir e remodelar a atuação dos outros meios contemporâneos existentes, desarticulando o ambiente instituído. O VDT, com seu caráter "interativo", rompe a unidirecionalidade das mensagens do mundo da comunicação, o que parece significar o princípio do fim da sociedade de massas (tomando aqui a palavra no sentido de comunicação mediada através de sistemas unidirecionais de comunicação), na medida mesma em que o usuário pode interferir e criar informação, tornando-se um editor em potencial. De resto, não é outra a tendência do mundo contemporâneo no universo dos sistemas eletro-eletrônicos, que permitem democratizar cada vez mais emissão e recepção de informação.

O objetivo deste estudo é delimitar as possibi-

lidades do Videotexto sob o ponto de vista da linguagem Videográfica, isto é, da linguagem gráfico-eletrônica na comunicação visual.

Videografia em Videotexto focaliza principalmente os seguintes aspectos:

1. A Videografia eletrônica, como recuperação contemporânea dos signos pictográficos (pré-históricos), desvia a ênfase óptico-fotográfica da televisão para a imagem projetivo-mental mais esquemática e oriental, vale dizer. Assim, o visual retiniano é deslocado pelo visual ideográfico. Temos então que o Videotexto é um mídia eminentemente tradutor e racionalizador das linguagens imagéticas e pictográficas herdadas da história, linguagens estas que, combinadas com a linguagem verbal, nos obrigam a desenvolver um pensamento que oscila entre o icônico-concreto e o abstrato-esquemático.

2. O hibridismo do Videotexto prenuncia sua forte característica sintética, que se manifesta na conformação das linguagens que acolhe, obrigando estas a uma tradução para exibição no seu espaço concreto. Assim, o Videotexto cria um interface com o leitor que o leva a um pensamento sintético-esquemático e a uma percepção rápida e espontânea. Desse modo, as condições de simplicidade e pregnância máximas são estudadas para facilitar um bom interface entre retina mental e suporte.

3. A pesquisa se desenvolve nos níveis de análise das possibilidades do meio e da síntese configuradora produtiva da linguagem videográfica, principalmente em nível sintático, tendo em conta, portanto, a produção física da mensagem e seu potencial perceptivo. Trata-se da aplicação

dos conhecimentos que norteiam a construção da linguagem visual e de sua sintaxe ao novo meio eletrônico. Isto, porque se faz necessário num primeiro momento captar as possibilidades desse meio, sua dimensão e alcance, ver e perceber como o Videotexto incorpora outros meios e a informação que lhe é proposta.

Finalmente, espero que este trabalho (que não fornece receitas), seja útil àqueles que se preocupam com os problemas e desafios criados pelas novas relações, sempre mutantes, entre as linguagens e as tecnologias recentes no mundo contemporâneo.

Ao final do texto há, ainda, um glossário que permite ao leitor a compreensão da terminologia técnica e não-visual utilizada ao longo do livro.

Julio Plaza
outubro de 85